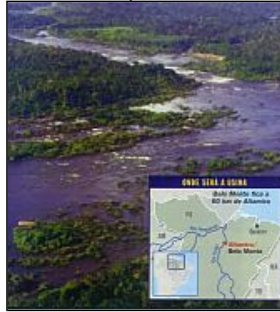


## Esperança no Xingu

*No leito de um dos grandes rios da Amazônia vai nascer a Segunda maior hidrelétrica brasileira, que custará ao governo US\$ 6,5 bilhões*

Em Altamira, no centro do Pará, as águas do Rio Xingu fazem uma caprichosa inflexão. Correm 70 quilômetros para o Sul para depois voltar a subir e encontrar, a 60 quilômetros de distância o povoado de Belo Monte. Numa garganta entre rochas, o Xingu reinicia a jornada rumo ao leito do Rio Amazonas. A curva traçada pelas águas é conhecida como Volta Grande do Xingu. O rio quadruplica de largura, formando cachoeiras e inúmeras ilhas verdejantes. Nesse pedaço da Amazônia será construída a Segunda maior hidrelétrica brasileira.



Em Belo Monte, serão aplicada US\$ 3,8 bilhões. Para transportar a energia produzida, serão precisos mais US\$ 2,7 bilhões para erguer 2.800 quilômetros de linhas de transmissão. Itaipú custou US\$ 18 bilhões. Os estudos de viabilidade econômica e de impacto ambiental deverão ficar prontos em agosto. As obras poderão começar no segundo semestre de 2002.



A marca da arquitetura de Belo Monte será um par de canais. Cada um terá de 15 a 18 quilômetros de extensão, 500 metros de largura e 8 metros de profundidade para sorver as águas do Xingu até as turbinas. Não há registro de canais construídos pelo homem com essas dimensões. Para alimentá-los, o rio será contido por uma barragem a quase 30 quilômetros de Altamira. A Volta Grande do Xingu seguirá seu curso subtraída de 15 mil metros cúbicos de água por segundo no auge das cheias, entre janeiro e junho. A massa de água será devolvida ao leito natural do rio 110 quilômetros à frente, depois de passar pelas turbinas.

A virtude do projeto de Belo Monte, segundo a eletronorte, decorre do fato de tornar dispensável um grande lago artificial, pois a usina será alimentada pela vazão normal do rio. Uma área de 400 quilômetros quadrados – pouco maior que a Baía de Guanabara – será inundada. Itaipú alagou uma extensão de terras três vezes maior.

A aposta é que Belo Monte dará mais equilíbrio ao sistema hidrelétrico nacional. O volume de água nos rios da Amazônia chega ao auge em janeiro. Por isso, Belo Monte poderá produzir a plena carga até maio, permitindo que as hidrelétricas das regiões Sudeste e Nordeste poupem água de seus reservatórios para a estação seca.

Para Sebastião bandeira da Silva, de 28 anos, a usina ameaça o ciclo da sobrevivência. Representante da Quarta geração de uma família de ribeirinhos, ele mergulha dezenas de metros para capturar o acari-zebra, escondido em cavernas de pedra. O peixe minúsculo vale US\$ 200 no Japão. Sebastião vende o exemplar por R\$ 13, cerca de US\$ 6. A casa do caçador de peixes fica a 200 metros da entrada dos futuros canais de Belo Monte. “O rio vai ficar mais fundo. Acho que vai ser impossível achar o acari-zebra”, acredita.

Líderes locais preocupam-se com o êxodo rural. Há 30 anos sem energia elétrica, tolhidos por estradas intransitáveis metade do ano, os colonos correrão para as cidades, principalmente Altamira, em busca de abrigo nos barracões da hidrelétrica. A Eletronorte estima que 15 mil operários serão empregados no pico das obras de Belo Monte, entre 2004 e 2005. Segundo Tarcísio Feitosa, do Movimento pelo Desenvolvimento da Transamazônica do Xingu, os grandes investimentos feitos no eixo da rodovia não beneficiaram o grosso da população. A chegada da linha de transmissão em 1999 não garantiu eletricidade para todos. “Só as grandes fazendas à margem da estrada receberam dinheiro e eletricidade”, calcula Feitosa.

### Solução extraída dos canaviais

*Bagaço da cana pode gerar eletricidade suplementar.*

Nem só de água se faz energia. O país começou a colher em maio uma safra de 260 mil toneladas de cana,

A Eletronorte rebate com o estudo socioeconômico produzido pela Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa do Pará (Fadesp). Afirma que Belo Monte não repetirá o ciclo de inchaço populacional e desemprego registrado em obras como a da hidrelétrica de Tucuruí, no Estado. A estatal vai reservar R\$ 450 mil para que Altamira

destinada a produção de açúcar e álcool em 320 usinas. O bagaço, subproduto do processo industrial, serve para a produção de eletricidade. Graças a isso, nenhuma dessas usinas sofrerá com o racionamento. O produto poderia, contudo, ser mais bem aproveitado. Só 14 delas produzem mais energia do que consomem e vendem o excedente para distribuição. Uma imensa quantidade de bagaço é desperdiçada por falta de investimentos em estrutura de geração. "Há uma Itaipú adormecida nos canaviais", diz Maurílio Biagi Filho, empresário do setor e vice-presidente da Associação Brasileira da Infra-Estrutura e Indústria de Base. Para sair do papel, os projetos de cogeração precisam de financiamentos. As vésperas dos apagões, o BNDES se apressou em anunciar linhas de crédito para projetos no setor. A Fiesp calcula que, se R\$ 750 milhões forem liberados ainda neste ano, as indústrias de açúcar e álcool poderão produzir 2 mil megawatts novos na próxima safra, quantidade suficiente para abastecer 2 milhões de pessoas. Resta saber se o dinheiro sairá do papel. A Santa Elisa, empresa de Biagi, espera um financiamento do banco há seis meses para dobrar sua capacidade de geração.

#### Os investimentos de emergência

##### *O governo anuncia obras para aumentar a oferta de energia*

O Ministério de Minas e Energia anunciou na Quarta-feira um plano de emergência no país. Até o final de 2003, prometeu acrescentar cerca de 15 mil megawatts à capacidade de geração atual com a importação de energia e a construção de usinas hidrelétricas, térmicas e linhas de transmissão. As empresas do sistema Eletrobrás (Chesf, Eletronorte, Furnas, Eletronuclear e Eletrosul) foram autorizadas a voltar a investir novos projetos. No primeiro mandato de Fernando Henrique, investimentos no setor foram reduzidos para que se cumprissem metas fiscais. O problema de falta de energia seria hoje menor se o governo tivesse estimulado investimentos no programa de usinas termelétricas movidas a gás. O gás natural tem de ser importado da Bolívia, em dólares, e vendido em reais no Brasil. Lançado em 1999, o programa previa a construção pela iniciativa privada de 49 termelétricas. Mas o governo não definiu de que modo esses investimentos poderiam compensar variações cambiais. O programa fez água. A americana AES, por exemplo, construiu uma termelétrica em Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, mas cancelou outras três. Nesta semana será divulgada a solução. O Tesouro, através da Petrobrás, vai pagar a conta da diferença cambial

planeje o crescimento.

Com ruas coalhadas de lama, lixo, valas negras e favelas brotando em áreas invadidas, Altamira tem cerca de 80 mil habitantes. É o estuário natural para a população de pequenas cidades num raio de 300 quilômetros. Concentra o comércio e uma pecuária rede de serviços públicos. Por ironia, Altamira não será a grande beneficiária dos impostos e royalties da futura hidrelétrica. Cerca de 90% do bolo irá para Vitória do Xingu, a 60 quilômetros, em cujo território ficará a casa de força e os canais. A cidade, que deixou de ser distrito de Altamira em 1991, também está inquieta: "Não queremos dinheiro para engolir o pacote oferecido pelo construtor da hidrelétrica. Queremos participar do processo", diz o prefeito Anselmo Hoffman, do PT. Estimativas do governo estadual prevêem que a população de Vitória saltará dos atuais 11 mil habitantes para 60 mil ao fim das obras de Belo Monte. Hoje, a cidade tem apenas um telefone público.

Não há agência bancária. Se o progresso ainda não chegou, a especulação imobiliária já galopa. Ao longo de seis meses, o hectare de terra no município subiu de R\$ 200, em média, para até R\$ 800. Sinal de que a cidade está em alta. Em Volta Grande do Xingu, o Brasil procura uma saída para a maior crise energética da História.



*IMPASSE: A AES gastou US\$ 310 milhões em Uruguaiana. Desistiu de outras três usinas.*



por um ano.